

## SOCIEDADE CAPITALISTA

Em sua principal obra, *O capital*, Marx estuda a sociedade moderna que é a forma de organização social mais desenvolvida e mais variada de todas já existentes. Ao analisá-la, compreendem-se também outras formações socioeconômicas anteriores e desaparecidas – como as sociedades primitivas, as escravistas, as asiáticas e as feudais – “*sob cujas ruínas e elementos ela se edificou, das quais certas vestígios ainda não apagadas, que continuam a existir nela, se enriquecem de toda a sua significação*”.

A unidade analítica (a parte) mais simples dessa sociedade e a forma mais fácil de verificar sua riqueza é a mercadoria, ou seja, a forma assumida pelos produtos e pela própria força de trabalho (os homens, mulheres e crianças). Ela é composta por dois fatores: **valor de uso** e **valor de troca**. *Valor de uso*: a mercadoria tem a propriedade de satisfazer as necessidades humanas, sejam as do estômago ou as da fantasia, servindo como meio de subsistência ou de produção. Por ser útil, ela tem um valor de uso que se realiza ou se efetiva no consumo.

Para calcular a valor de troca de uma mercadoria, mede-se o tempo de trabalho socialmente necessário, isto é, “*todo trabalho executado com grau médio de habilidade e intensidade em condições normais relativas ao meio social dado*”. Ou seja, o cálculo do valor de troca é feito segundo o tempo de trabalho gasto na sua produção (embora para isso não se levem em conta as diferenças entre habilidades e capacidades de seus produtores individualmente e, sim, a força social média necessária).

Nas diferentes sociedades e períodos históricos, distintas mercadorias podem ter valores diferentes e, para que seus consumidores realizem entre si os intercâmbios (trocas) que pretendem, é preciso haver um meio de quantificar (de medir) tais valores, que variam segundo o lugar e a época, a disponibilidade de materiais, as técnicas para obtê-los e transformá-los. No momento da permuta (da troca), faz-se a abstração (uma separação no pensamento) da forma concreta que a mercadoria tem (um “prato feito”, um ramo de flores ou um carro) e do seu valor de uso, e então “*só lhe resta uma qualidade: a de ser produto do trabalho[humano] (...) uma inversão de força humana de trabalho [sobre a natureza], sem referência à forma particular em que foi invertida [antes da matéria natural ser transformada pelos homens]*”.

Com efeito, as mercadorias ao trocar umas pelas outras são simplesmente trabalho materializado em diferentes valores de uso, portanto materializado de diversas formas - são apenas o modo de existência materializado da divisão do trabalho ou a materialização de trabalhos quantitativamente diferentes, correspondendo a sistemas de necessidades diferentes (MARX. Crítica à economia política, p. 282).

Em troca do que necessita cada um oferece o fruto de seu próprio labor, ainda que metamorfoseado na forma de moeda. O marceneiro veste roupas, a arquiteta come pão, o pedreiro vai ao cinema, o agricultor toma remédios, a enfermeira lê jornal, o banqueiro escova os dentes. Qual deles produz tudo aquilo de que precisa?

O sistema capitalista é aquele no qual se aboliu da maneira mais completa possível a produção com vistas à criação de valores de uso imediato, para o consumo do produtor: a riqueza só existe agora como processo social que se expressa no entrelaçamento da produção e da circulação.

As relações de produção capitalistas implicam na existência do mercado, onde também a força de trabalho é negociada por certo valor entre o trabalhador livre e o capital. A força de trabalho é uma mercadoria que tem características peculiares: é a única que pode produzir mais riqueza do que seu próprio valor de troca. No entanto,

A força de trabalho não foi sempre uma mercadoria, o trabalho não foi sempre trabalho assalariado, isto é, trabalho livre. O escravo não vendia sua força de trabalho ao escravista, do mesmo modo que o boi não vende seu trabalho ao lavrador. O escravo é vendido de uma vez para sempre, com sua força de trabalho, o seu amo. É uma mercadoria que pode passar das mãos de um dono às mãos de outro. Ele é uma mercadoria, mas sua força de trabalho não é uma mercadoria que lhe pertença. O servo da gleba só vende uma parte de sua força de trabalho. Não é ele que obtém um salário do proprietário do solo, pelo contrário, é o proprietário do solo que recebe dele um tributo. Mas o trabalhador livre se vende a si mesmo e, ademais, vende-se em partes. Leiloa 8, 10, 12, 15 horas de sua vida, dia após dia (...) ao proprietário de matérias-primas, instrumentos de trabalho e meios de vida, isto é, ao capitalista.

O capital, assim como o trabalho assalariado, é uma relação social de produção, é uma forma histórica de distribuição das condições de produção, resultante de um processo de expropriação e concentração da propriedade.

A sociedade capitalista baseia-se na ideologia da “igualdade”, cujo parâmetro é o mercado. De um lado, está o trabalhador que oferece no mercado sua força de trabalho, de outro, o empregador que a adquire por um salário. A idéia de equivalência (igualdade) na troca é importante para a estabilidade da sociedade capitalista. Os homens aparecem como iguais diante da lei, do Estado, no mercado etc., e assim eles vêem-se (ou deveriam ver) a si mesmos. Mas, embora o processo de venda da força de trabalho por um salário apareça como uma troca entre iguais, o valor (a riqueza) que o trabalhador pode produzir durante o tempo em que trabalha para aquele que a contrata é superior àquele pelo qual vende suas capacidades (seu trabalho). Marx diferencia o tempo de *trabalho necessário*, aquele que o trabalhador precisa trabalhar para “pagar” seu salário e, portanto, satisfazer suas necessidades básicas para sobreviver e continuar trabalhando (ou seja, reproduzir sua força de trabalho), do tempo de *trabalho excedente* (não-pago ou mais-valia), é aquela atividade produtiva que produz valor (riqueza) para o proprietário do capital. Na sociedade capitalista, o valor que é produzido durante o tempo de *trabalho excedente* (ou não-pago) é apropriado pela burguesia. Parte desse valor extraído gratuitamente durante o processo de produção passa a integrar o próprio capital, possibilitando a acumulação crescente de riqueza.

O valor que sobra do capital consumido no processo produtivo (ou seja, em meios de produção – maquinário e tecnologia – e força de trabalho humano), e que se soma ao capital aplicado inicialmente na produção, é a **mais-valia**. Ela se transforma, assim, em uma riqueza que se opõe à classe dos trabalhadores. É por meio da taxa de mais-valia, da diferença entre trabalho excedente e trabalho necessário que percebemos o grau de exploração da força de trabalho pelo capital. Em síntese, o trabalho apropriado pelo capital “*é trabalho forçado, ainda que possa parecer o resultado de uma convenção contratual livremente aceita*”. É a situação alienada do trabalhador que o impede de perceber como acontece todo esse processo.

## ATIVIDADE AVALIATIVA

Com base no texto à cima responda as seguintes questões:

1. Tendo em vista a compreensão de Karl Marx sobre a mercadoria, diferencie *valor de uso* do *valor de troca*.
2. Identifique e cite a passagem presente no texto que revela de qual processo o capitalismo, definido por Karl Marx como uma relação social de produção, isto é, uma forma histórica de distribuição das condições de produção, surgiu.
3. Com base no texto à cima, responda: em que se baseia a ideologia da “igualdade” que é tão importante para a estabilidade da sociedade capitalista?
4. Defina o que é *mais-valia* e explique o seu processo de obtenção.